



**FACULDADE DE TEOLOGIA, FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS GAMALIEL –
FATEFIG.
CENTRO EDUCACIONAL E CULTURAL DA AMAZÔNIA – CECAM
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (NEAD)
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DANIEL COELHO CARDIAS

**DIDÁTICA DURANTE A PANDEMIA: ESTRATÉGIAS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
PARA ALUNOS DISLÉXICOS**

**Tucuruí-PA
2021**



**FACULDADE DE TEOLOGIA, FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS GAMALIEL –
FATEFIG.
CENTRO EDUCACIONAL E CULTURAL DA AMAZÔNIA – CECAM
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (NEAD)
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DANIEL COELHO CARDIAS

**DIDÁTICA DURANTE A PANDEMIA: ESTRATÉGIAS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
PARA ALUNOS DISLÉXICOS**

O presente guia destina a elaboração de Trabalho de Conclusão de curso de Pedagogia, no formato de artigo acadêmico.

Orientador: Profº Mílvio da Silva Ribeiro

**Tucuruí-PA
2021**

RESUMO

O presente estudo trata-se do trabalho de conclusão de curso onde optou-se pela seguinte temática: “Didática durante a pandemia: estratégias da educação inclusiva para alunos disléxicos”. As competências da leitura e escrita são consideradas fundamentais na sociedade em que vivemos. No entanto, muitos disléxicos, apesar das dificuldades com que se deparam nesses domínios, conseguem ‘sobreviver’ à escola e alcançar futuros promissores, exercendo com êxito variadíssimas profissões. Sendo assim o estudo justifica-se pela relevância e importância diante desse período que estamos vivenciando, com o objetivo de contribuir ao conhecimento dos professores que precisam lidar com essa situação. Para elaboração do estudo foi utilizada a pesquisa bibliográfica, a coleta de dados foi em sites eletrônicos como o Google Acadêmico e o Scielo, o estudo foi dividido em três tópicos um que fala sobre a dislexia, e todo seu contexto para que o professor saiba suas características, o segundo tópico explica sobre o atual cenário que estamos vivenciando e o terceiro sobre as intervenções que o professor pode adotar nesse período. Nesse sentido, de que forma deve ser realizada as aulas online para alunos com dislexia em tempo pandêmico? Como o professor está lidando com essa realidade? Diante disso podemos concluir que nesse momento pandêmico é importante que o professor trabalhe juntamente em conjunto com a família, uma vez que diante de tal cenário essa parceria é fundamental para fazer com que o aluno tenha progresso.

Palavra chave: Pandemia; Dislexia; Educação online;

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sintomas da dislexia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 DESENVOLVIMENTO	5
2.1 DISLEXIA	5
2.2 PANDEMIA	12
2.3 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICA DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO.....	16
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata-se do trabalho de conclusão de curso onde optou-se pela seguinte temática: “Didática durante a pandemia: estratégias da educação inclusiva para alunos disléxicos”. Alunos que possuem esse transtorno precisam de certas estratégias de ensino, mas diante desse período de isolamento social, as escolas assim como o país todo parou completamente. A pandemia do novo corona vírus trouxe grandes transtornos, um deles foi a paralização das aulas. Diante desse cenário houve a preocupação de como está sendo o trabalho dos professores em relação ao ensino dos alunos que possui dislexia. As competências da leitura e escrita são consideradas fundamentais na sociedade em que vivemos. No entanto, muitos disléxicos, apesar das dificuldades com que se deparam nesses domínios, conseguem ‘sobreviver’ à escola e alcançar futuros promissores, exercendo com êxito variadíssimas profissões.

Sendo assim o estudo justifica-se pela relevância e importância diante desse período que estamos vivenciando, com o objetivo de contribuir ao conhecimento dos professores que precisam lidar com essa circunstância. Dessa forma, a situação inesperada causou aí interrupção abrupta das aulas presenciais, demandando de todas decisões rápidas, e estabelecendo escolhas que ainda se encontram em dúvida de serem bem-sucedidas. Para elaboração do estudo foi utilizada a pesquisa bibliográfica, a coleta de dados foi em sites eletrônicos como o Google Acadêmico e o Scielo, o estudo foi dividido em três tópicos um que fala sobre a dislexia, e todo seu contexto para que o professor saiba suas características, o segundo tópico explica sobre o atual cenário que estamos vivenciando e o terceiro sobre as intervenções que o professor pode adotar nesse período. Nesse sentido, de que forma deve ser realizada as aulas online para alunos com dislexia em tempo pandêmico? Como o professor está lidando com essa realidade?

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 DISLEXIA

A história da dislexia teve início no ano de 1872, através do oftalmologista alemão Dr. Rudolph Berlim. A palavra “dislexia” vem do grego e significa “dificuldade com as palavras”. A dislexia é um dos transtornos do neurodesenvolvimento. Caracteriza-se por um distúrbio da linguagem escrita que afeta até 10% da população, independente da cultura, classe social ou gênero. Sintomas semelhantes aos da dislexia – dificuldades com leitura, soletração e escrita – ocorrem em aproximadamente 85% das dificuldades de aprendizagem; no entanto, deve-se ter o cuidado de não as classificar como idênticas (PINHEIRO, CABRAL, 2017).

A dislexia, segundo Teixeira (2019), atinge 3% a 10% das crianças, sendo mais comum em meninos do que em meninas e é caracterizada como uma dificuldade específica da leitura. Trata-se de uma complicação neurobiológica que acarreta problemas não apenas no desenvolvimento acadêmico, mas de cunho social, uma vez que a criança disléxica pode sofrer bullying, sendo rotulada como preguiçosa. Muitas vezes, o insucesso escolar é associado à falta de esforços do sujeito disléxico, gerando baixa autoestima.

Existem dois tipos principais de dislexia: 1. dislexia do desenvolvimento, que é uma condição inata. 2. dislexia adquirida, que é quando a pessoa perde a habilidade de ler e de escrever como resultado de uma lesão no cérebro causada por traumatismo ou por uma doença, como o derrame. Essa condição é também chamada de alexia (PINHEIRO, CABRAL, 2017).

Segundo Freire (2011, p.11) é possível classificar a dislexia em três tipos:

1) Dislexia fonológica (sublexical ou disfonética). Caracterizada por uma dificuldade seletiva para operar a rota fonológica durante a leitura, apresentando, não obstante um funcionamento aceitável da rota lexical: com frequência os problemas residem no conversor fonema-grafema e/ou no momento de juntar os sons parciais numa palavra completa. Sendo assim, as dificuldades fundamentais residem na leitura de palavras não familiares, sílabas sem sentido ou pseudo palavras, mostrando melhor desempenho na leitura de palavras já familiarizadas. Subjacente a esta via, encontra-se dificuldade em tarefas de memória e consciência fonológica. Considerando o grande esforço que fazem para reconhecer as palavras, Resposta falada (c) Codificação visual Codificação visual Recodificação fonológica (a) (a) (b) (c) portanto, para manter uma informação na memória de trabalho, são obrigados a repetir os sons para não os perder definitivamente. 2) Dislexia

lexical (de superfície). As dificuldades residem na operação da rota lexical (preservada ou relativamente preservada a rota fonológica), afetando fortemente a leitura de palavras, irregulares. Nesses casos, os disléxicos leem lentamente, vacilando e errando com frequência, pois ficam escravos da rota fonológica, que é morosa no seu funcionamento. Diante disso, os erros habituais são silabações, repetições e retificações, e, quando pressionados a ler rapidamente, cometem substituições e lexicalizações: às vezes situam incorretamente o acento prosódico das palavras. 3) Dislexia mista. Nesse caso, os disléxicos apresentam problemas para operar tanto com a rota fonológica, quanto com a lexical. São assim situações mais graves e exigem um esforço ainda maior para atenuar o comportamento das vias de acesso ao léxico.

De acordo com Oliveira (2021) a dislexia é um transtorno de aprendizagem específico de leitura e escrita. É genético e hereditário. É causado por alterações neurobiológicas e funcionais em indivíduos com inteligência normal sem privações sensoriais e que foram expostas ao processo de escolarização. A dislexia não é uma doença é um transtorno de aprendizagem, e não impede em nada o indivíduo, porém atrapalha muito o desempenho acadêmico, e às vezes, também o desempenho laboral e social da pessoa com dislexia. O que causa a dislexia são pequenas alterações, dentre elas podemos destacar:

Ectopias, displasias e microgírias na região chamada “triângulo da leitura”, levando o indivíduo a ter dificuldade na decodificação da leitura, dificuldades na escrita e, conseqüentemente, dificuldades de compreensão dos textos que lê. Mas compreende bem quando outra pessoa lê, uma vez que já vem decodificado. As últimas pesquisas mostram que pelo menos dez regiões cromossômicas (loci) tem sido associada a dislexia. A localizada no cromossomo 6p22 é uma das mais estudadas e está associada a dificuldade de leitura. Existem também vários genes associados a dislexia, portanto ela é poligênica (OLIVEIRA, 2021, p.21).

A dislexia do desenvolvimento é definida pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2016) como um transtorno específico de aprendizagem, de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. Consta no site da ABD que a dislexia apresenta sinais já na fase pré-escolar, tais como: dispersão, atraso do desenvolvimento da fala e da linguagem, dificuldade de aprender rimas e canções, fraco desenvolvimento da coordenação motora, entre outros.

Quanto à fase escolar, alguns sinais que podem ser observados são: dificuldade na aquisição e automação da leitura e da escrita; desatenção e dispersão; desorganização geral, confusão para nomear direita e esquerda; dificuldade de copiar de livros e da lousa; pobre conhecimento de rima e aliteração; vocabulário pobre, com sentenças curtas e imaturas ou longas e vagas; dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas, etc. Além disso, Lima (2012) relata outras características:

- Desordem entre letras com distinções simples de grafia: a-o, c-o, e-c, f-t, h-n, i-j, m-n, v-u, etc.
- Desordem entre letra com grafia semelhante: b-d, b-p, b-q, d-b, d-p, d-q, n-u, w-m, a-e.
- Transposições parciais ou total de sílabas ou palavras: me-em, sol-los, som-mos, sal-las, pal-pla.
- Substituição de palavras por outras mais ou menos parecidas ou a criação de palavras, entretanto, com significados diferentes: soltou/salvou, era/ficava.
- Contaminação de erros.
- Reduplicação de sílabas, palavras ou frases. Transpor de uma linha, recuar para a linha anterior e perder a linha ao ler.
- Demasiada fixação do olho na linha. Soletração imperfeita: reconhece letras afastadas uma da outra, porém, sem dispor a palavra como um todo, ou então, lê a palavra sílaba por sílaba, ou um texto, palavra por palavra.
- Letras ilegíveis.
- Dificuldade de compreensão

A dislexia do desenvolvimento (usualmente referida apenas como dislexia) é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a linguagem escrita, sendo uma condição vitalícia e frequentemente hereditária. Dela resultam persistentes problemas relacionados a: leitura; soletração (escrita com erros de adição, omissão ou substituições de vogal ou de consoante); escrita. Associa-se comumente a dificuldades de: concentração; memória de curto prazo; organização; sequenciação (do alfabeto, dos dias da semana e dos meses etc.). A dislexia não é causada por: baixas capacidades intelectuais; escolaridade deficitária; estrutura familiar frágil; recusa em aprender (PINHEIRO, CABRAL, 2017).

A dislexia engloba uma dificuldade na leitura e conseqüentemente dificuldades de distinção ou memorização de letras ou grupos de letras, problemas de ordenação, ritmo, compreensão e de estruturação das frases afetando tanto a leitura como a escrita (BARBOSA, 2014).

Sem a identificação precoce de seus professores, alunos com dislexia correm o risco de passar por fracassos contínuos na escola. Os disléxicos perdem a confiança e a motivação rapidamente quando percebem que seus colegas avançam nos conteúdos e os deixam para trás (PEREIRA, 2015). Os impactos em longo prazo dessa perda de autoestima não devem ser subestimados. Jovens com dislexia se sentem derrotados pela escola e provavelmente não irão continuar os estudos, o que diminui as chances de encontrarem um bom emprego futuramente. Em alguns casos, os disléxicos tornam-se marginalizados, não conseguem integrar-se socialmente e podem desenvolver comportamento antissocial (PINHEIRO, CABRAL, 2017).

Diante disso, o primeiro objetivo traçado pelo educador é de recuperar a autoconfiança do educando, identificando suas dificuldades específicas propiciadas pela dislexia a fim de descobrir habilidades e talentos. Então, o professor será capaz de estimular a aprendizagem significativa através da intervenção pedagógica na sala de aula, desenvolvendo juntamente com a escola, novos métodos e estratégias para que o indivíduo seja incluído de maneira satisfatória, sem que fique desmotivado ao longo do processo de ensino (DE PAULA, et al. 2020).

Em termos mais simplificados, a dislexia pode ser entendida como a dificuldade que o indivíduo possui em ler. Portanto, quando uma pessoa apresenta problemas na leitura, será facilmente associada a dislexia. Entretanto, o conceito de dislexia apresenta-se mais complexo do que uma simples dificuldade no ato da leitura (PEREIRA, 2015). Segundo Associação Brasileira de Dislexia, o transtorno foi definido como: A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas (ABD, 2016).

Com base em Alves, Ferreira e Ferreira (2014), as pessoas com Dislexia costumam ter dificuldades quando associam o som à letra, e costumam também trocar

letras, ou mesmo escrevê-las em ordem contrária. Veras (2012) também apresenta uma tabela demonstrando quais são os sintomas apresentados no decorrer da vida do indivíduo disléxico:

Quadro 1 – Sintomas da dislexia

PRIMEIRA INFÂNCIA
<ul style="list-style-type: none"> -Atraso no desenvolvimento motor desde a fase do engatinhar, sentar e andar; -Atraso ou deficiência na aquisição da fala, desde o balbucio à pronúncia de palavras; -Dificuldade aparente para a criança entender o que está ouvindo; -Distúrbios do sono; -Enurese noturna; -Suscetibilidade a alergias e à infecções; -Tendência a hiper ou a hipoatividade motora; -Choro recorrente e aparente inquietação ou agitação; -Dificuldades de adaptação nos primeiros anos escolares
A PARTIR DOS SETE ANOS DE IDADE
<ul style="list-style-type: none"> -Extrema lentidão ao fazer os deveres ou ocorrência de muitos erros nas tarefas pelo fato de terem sido feitas rapidamente; -Pobre compreensão do texto ou falta de leitura do que escreve; -Inadequação da fluência em leitura para a idade; -Invenção, acréscimo ou omissão de palavras ao ler e ao escrever; -Preferência por leitura silenciosa; -Letra mal grafada e, até ininteligível; borrões ou ligação entre as palavras; -Omissão, acréscimo, troca ou inversão da ordem e da direção de letras e sílabas; -Esquecimento daquilo que aprendera muito bem, em poucas horas, dias ou semanas; -Maior facilidade, capacidade de bem transmitir o que sabe através de exames orais; -Grande imaginação e criatividade; -Capacidade de desligar-se facilmente de qualquer contexto; -Falta de concentração da atenção em um só estímulo; -Baixa autoimagem e autoestima; em geral, não gosta de ir à escola;

- Esquiva de ler, especialmente em voz alta;
- Dificuldade para lidar com as noções de espaço e tempo; sempre perde e esquece seus pertences;
- Mudanças bruscas de humor;
- Impulsividade e interrupção dos demais para falar;
- Timidez, sob pressão, pode falar o oposto do que desejaria;
- Confusão entre direita e esquerda, em cima e em baixo; na frente e atrás;
- Lateralidade cruzada; muitos são canhestros e outros ambidestros;
- Dificuldade para ler as horas, para sequências como dia, mês e estação do ano;
- Boa memória longa, mas pobre memória imediata, curta e de médio prazo;
- Pensamento por meio de imagem e sentimento, não com o som de palavras;
- Extremamente desordenado, seus cadernos e livros são borrados e amassados;
- Tolerância muito alta ou muito baixa à dor;
- Muito sensível e emocional, busca sempre a perfeição que lhe é difícil atingir;
- Dificuldades para andar de bicicleta, para abotoar, para amarrar o cordão dos sapatos;
- Dificuldade extrema para manter o equilíbrio e fazer exercícios físicos;
- Intolerância a muito barulho, o disléxico se sente confuso- desliga-se e age como se estivesse distraído nesse contexto.

FONTE: VERAS (2012);

No entanto, como ressalta Lima (2012) precisamos tomar cuidado, pois a criança pode apresentar alguns desses sintomas e não necessariamente deverá significar que ela seja disléxica. Algumas crianças podem apresentar esses sintomas como algo natural do desenvolvimento mais tardio. O ideal é que em caso de suspeita, os pais levem seus filhos para realizar exames neurológicos. Torna-se muito perceptível nesses sintomas a relação que eles possuem com a escrita, leitura, desenvolvimento motor, audição e visão dessas crianças que também tendem a mostrar esses sinais em seu comportamento.

Para De Paula et al. (2020) o diagnóstico da dislexia é necessário uma equipe multidisciplinar que investigue vários aspectos do desenvolvimento infantil, no qual o acompanhamento deve ser feito por diferentes profissionais, conforme um plano de trabalho multidisciplinar. De acordo com Oliveira (2021) o tratamento é feito através de estimulação das regiões responsáveis pela decodificação da leitura e escrita, por

profissionais das áreas da Fonoaudiologia e Psicopedagogia. Ainda é possível o acompanhamento com Terapeuta Ocupacional, Psicomotricista e também acompanhamento Psicológico quando estiver com sua autoestima afetada e com sinais de ansiedade e depressão. O tratamento médico só se faz necessário quando houver comorbidade como, por exemplo, o TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade.

De acordo com Pinheiro e Cabral (2017) as pessoas com dislexia não processam as palavras escritas de forma correta e rápida o suficiente. No entanto, há um lado positivo. Seja qual for a severidade das dificuldades com a leitura e a escrita, crianças com dislexia frequentemente apresentam uma capacidade de aprendizagem diferenciada que pode incluir:

- Uma ótima habilidade espacial, demonstrada, por exemplo, na construção de modelos sem o uso de instruções;
- A habilidade de pensar profundamente sobre assuntos e fazer perguntas pertinentes e sensatas, usando vocabulário avançado;
- Consciência social bem desenvolvida;
- Habilidade de resolver problemas rapidamente;
- Alto desempenho em geometria, xadrez, jogos de baralho e de computador, bem como habilidades tecnológicas superiores.

Embora o dislético apresente dificuldade na leitura e escrita, ele desempenha muito bem as atividades relacionadas à criatividade, por exemplo. O fato de desenvolver melhor a criatividade deve-se a questão de ter o lado direito do cérebro mais desenvolvido. Por isso, muitas vezes é possível perceber que a maioria das pessoas que possuem esse transtorno tende a iniciar carreiras ligadas a arte, cálculos ou qualquer área que não exijam o contato constante com a leitura (PALÚ. SHUTZ, MAYER, 2020).

Com o apoio da família, interação da escola e tratamento adequado, o indivíduo se desenvolverá positivamente. Ele poderá recuperar sua autoestima e autoconfiança, a partir do conhecimento da sua forma de aprendizagem, habilidade de articular suas necessidades de aprendizagem e habilidade para comunicar essas necessidades aos outros. Ainda que a criança dislética requeira determinados cuidados, ele não precisa ser inserido em uma classe especial, pode e deve conviver com os demais alunos. Inclusive, essa troca de conhecimento entre as crianças é muito importante para o

desenvolvimento de ambos (DUARTE, SOUZA, 2014). Assim como o tratamento para com ele deve ser natural, uma vez que a única diferença considerável é o fato de ele possuir a dislexia. Por se tratar de um indivíduo que possui uma dificuldade em maior escala do que os outros, ele necessitará de motivação constante do professor, além de instruções para executar determinadas atividades e ajuda para interagir com outros colegas.

2.2 PANDEMIA

A pandemia da Covid-19 trouxe à humanidade um novo aprendizado: a urgência de todos se adequarem às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). A situação inédita desta geração do século XXI criou oportunidades para quem estava acostumado a lidar com as TDIC como uma opção e instigou os que não tinham o costume a se apropriarem dos recursos tecnológicos de alguma forma. De repente, comerciantes, prestadores de serviços e outros profissionais passaram a vivenciar a experiências de “oferecer serviços pelo digital” (CANI, et al. 2020).

Os coronavírus (CoVs) são vírus envelopados com diâmetro de 60 a 130 nm que contêm um genoma de ácido ribonucleico (RNA) de fita simples de sentido positivo, com tamanho variando de 26 a 32 kilobases (Kb) de comprimento. Esse vírus pode apresentar capsídeos pleomórficos e ter projeções radiais superficiais como uma coroa, daí o nome coronavírus (XAVIER, et al. 2020).

Comumente encontrados em humanos, outros mamíferos e aves, capazes de causar doenças respiratórias, entéricas, hepáticas e neurológicas. Até o momento, são seis as espécies de Coronavírus conhecidas que causam doenças em humanos. Quatro dessas (229E, OC43, NL63 e HKU1) causam sintomas comuns de gripe em pessoas imunocompetentes, e duas espécies (SARS-CoV e MERS-CoV) provocam síndrome respiratória aguda grave com taxas elevadas de mortalidade (BELASCO, FONSECA, 2020).

Os primeiros relatos de SRAG ocorreram em novembro de 2002, no sul da China – província de Guangdong – mas apenas em fevereiro do ano seguinte foram registrados 305 casos, com cinco mortes por pneumonia ainda desconhecida. A

doença se espalhou principalmente entre os profissionais de saúde, que a disseminaram em suas casas, e o Ministério da Saúde da China informou que se tratava de um surto de pneumonia desconhecida e atípica. Países como Vietnã, Hong Kong, Cingapura e Canadá também foram afetados por essa síndrome. Devido à sua disseminação, vários países e laboratórios se reuniram para uma colaboração multicêntrica em pesquisa, buscando o agente etiológico da infecção e realizando exames laboratoriais para sua identificação (XAVIER, et al. 2020).

Com a necessidade do distanciamento social para diminuir a transmissão do novo Coronavírus, instituições educacionais precisaram suspender as aulas presenciais e grande parte das instituições de ensino deu continuidade aos processos educativos por meio do ensino remoto ou não presencial. Diante de tantas iniciativas e propostas educacionais diferenciadas, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou em 28 de abril de 2020 parecer favorável à possibilidade de cômputo de atividades pedagógicas não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual e proposta de parecer sobre a reorganização do Calendário Escolar, em razão da Pandemia da COVID-19, homologado pelo Ministério da Educação (MEC), em despacho de 29 de maio de 2020 (MARTINS, ALMEIDA, 2020).

A COVID-19 é uma doença extremamente contagiosa causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2 e foi considerada pela OMS uma pandemia mundial em 2020. Entre indivíduos suscetíveis, ela pode levar a consequências potencialmente fatais, e isso fez com que, em pouco tempo, a doença transformou-se numa pandemia e na maior crise sanitária de que o mundo já teve notícia. Cerca de 190 países tiveram escolas total ou parcialmente fechadas, num processo que atingiu cerca de 1,5 bilhão de alunos. O Brasil foi um deles e, desde meados de março, as crianças e adolescentes não vão às aulas. Neste contexto, há um grande risco de um aumento expressivo de desigualdades educacionais e de agravamento geral da crise de aprendizagem (COSTIN, 2020).

No âmbito da educação não poderia ser diferente, pois, mais do que nunca, vivemos a certeza de que a escola não é somente um prédio. Ensinar tornou-se mais um desafio diante de tantas incertezas sobre como viver o dia a dia. Surge, assim, a necessidade de se reinventar a escola. Embora já lidasse com as tecnologias digitais em determinados momentos, os profissionais da educação se depararam com a obrigatoriedade de se adaptarem, de modo radical, a esses recursos. A realidade

exigiu habilidades antes não obrigatórias, ou seja, mesmo quem não trabalhava com as TDIC precisou passar a fazer uso delas para o processo de aprendizagem no momento em que se enfrenta a pandemia do novo coronavírus (CANI, et al. 2020).

Dessa forma, Martins e Almeida (2020) elencam que por não termos previsões ou soluções palpáveis, o retorno precoce da educação presencial é, no mínimo, temerário. Diante disso o MEC instituiu o Protocolo de Biossegurança para o retorno às aulas presenciais através de uma cartilha que apresenta medidas de prevenção e segurança às instituições, porém o documento elenca que cada instituição possui autonomia para definir a data de retorno presencial, considerando o que for estabelecido pelas autoridades locais. Além do referido protocolo, o Ministério da Educação divulgou nos primeiros dias de junho que irá fornecer internet e computadores a alunos de baixa renda de instituições federais, como os estudantes das universidades federais e das instituições da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Os impactos intertemporais da pandemia da COVID-19 sobre a educação são preocupantes pois reproduzem de modo ampliado assimetrias previamente existentes nas sociedades, de modo que os atores econômicos privilegiados e com amplo acesso ao ensino privado e às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) conseguem minimizar os efeitos pandêmicos no curto prazo por meio da continuidade educacional via EAD em contraposição a atores econômicos mais vulneráveis (UNESCO).

Diante da nova realidade imposta pela Covid-19, cabe questionarmos não somente acerca do acesso às tecnologias, mas, sobretudo, da possibilidade de serem ofertadas a professores e alunos condições para uso pleno dos recursos tecnológicos, de modo a favorecer uma aprendizagem interativa e colaborativa. Sabemos que são muitos os desafios e os fatores implicados, desde a falta de estrutura tecnológica das escolas, formação dos próprios professores e alunos para um uso crítico das tecnologias (CANI, et al. 2020).

Neste sentido, as famílias com maior escolarização e melhores condições econômicas têm acesso e dão continuidade aos estudos por meio de plataformas estáveis e conteúdo de qualidade em contraposição às famílias com menor escolarização e piores condições econômicas, as quais são estruturalmente ou individualmente limitadas ao acesso ao EAD, e, portanto, comprometendo a própria

continuidade dos estudos durante (curto prazo) e após a pandemia (médio prazo) (SENHORAS, 2020).

Constin (2020) frisa que mesmo com o fechamento de escolas, os avanços da educação em direção ao digital acabaram lentamente se construindo, pegando inicialmente os educadores de surpresa, já que não havia nem conectividade de qualidade para todos, nem cursos que os preparassem adequadamente para o uso educacional de ferramentas online. Com o tempo, ocorreu um processo de aprender fazendo, e mesmo na dor, desenvolvendo nos mestres algumas competências para um ensino que demanda não só conhecimentos sobre computadores e aplicativos, como trabalho colaborativo entre pares.

Em todas as fases do ciclo pandêmico, a pandemia afetou de modo distinto professores e estudantes de diferentes níveis e faixas etárias, e por conseguinte muitas das assimetrias educacionais pré-existentes tenderam a se acentuar conforme as especificidades em função, tanto, da falta de trilhas de aprendizagem alternativas à distância, quanto, das lacunas de acessibilidade de professores e alunos a Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para promoção do Ensino a Distância (EAD). Diante desse cenário, a pandemia acelerou um processo que já estava em curso: a integração das TDIC com a educação. A situação inesperada causou a interrupção abrupta das aulas presenciais, demandando de todas decisões rápidas, e estabelecendo escolhas que ainda se encontram em dúvida de serem bem-sucedidas (CANI, et al. 2020).

Nas creches, o cancelamento das aulas trouxe consigo uma mudança radical de estratégias presenciais de ensino formal em direção ao ensino informal, com base em programas educativos na televisão ou por meio de softwares lúdicos de jogos, pinturas, cantorias ou mesmo vídeos, disponibilizados pela internet, impactando assim na produtividade dos pais diante de eventuais afastamentos de trabalho. Nas escolas de ensino básico e fundamental, a paralisação das aulas presenciais trouxe novos desafios à medida que as estratégias de antecipação de férias, paralisação ou continuidade das atividades por meio do EAD trouxeram impactos abruptos para professores e as famílias, à medida que a educação domiciliar trouxe mudanças para o aprendizado das crianças e dos jovens, eventualmente sobrecarregando os próprios pais no contexto de acompanhamento (SENHORAS, 2020).

2.3 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICA DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO

Segundo o artigo 205, do capítulo III da Constituição Federal, que rege as leis no Brasil, a educação é um direito que pertence a todos os cidadãos. A família e o Estado são responsáveis por propiciar ao menor de idade a inserção no âmbito educacional. E é de responsabilidade dos espaços educacionais qualificar o indivíduo para o convívio em sociedade. A seção I, que se refere a educação, acrescenta: “Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;”. Entretanto, ao observar a realidade das escolas públicas, é possível perceber que a teoria não se aplica a prática (BRASIL, 1998).

É na escola que a dislexia, de fato, aparece. Há disléxicos que revelam suas dificuldades em outros ambientes e situações, mas nenhum deles se compara à escola, local onde a leitura e escrita são permanentemente utilizadas e, sobretudo, valorizadas (ABD, 2016).

A escola é um dos principais ambientes de desenvolvimento cognitivo e, dessa forma, torna-se responsável por criar estratégias para a aprendizagem e adaptação da criança que apresenta dislexia. A tríade entre coordenação, professores e aluno precisa funcionar corretamente, buscando atender as necessidades do indivíduo. De Paula et al. (2020) elenca que referente a esse desafio escolar provocado pela pandemia do novo Coronavírus, a intervenção pedagógica, na perspectiva inclusiva, é necessária para que os educadores, a comunidade escolar e o apoio especializado, se reinventem e reformulem estratégias e diferentes metodologias apropriadas e adequadas ao momento em que estamos vivendo.

“O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola.” (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.11-12).

De acordo com Freire (2011) ensinar uma criança disléxica a ler é um trabalho difícil. É um processo extremamente interativo que rapidamente oscila entre professor e aluno, e vice-versa. Conseguir a atenção da criança requer esforço constante por parte do professor que tem de trabalhar diligentemente para a envolver, fazendo-lhe perguntas ou pedindo-lhe para justificar a sua resposta. Ler é um trabalho extremamente duro para uma criança disléxica e o objetivo do professor é impedir que ela se afaste dos trabalhos em curso e sonhe acordada. Para Pereira (2015) o professor está constantemente a transmitir o conhecimento necessário enquanto trabalha esforçadamente para fazer com que esse conhecimento seja apoiado por um “gancho” que pensa ser significativo para a criança. Está constantemente a pensar sobre como transmitir a necessária informação à criança.

Para De Paula et al. (2020) na escola o professor deve saber que as respostas orais dos educandos com dislexia são melhores indicadores de aprendizagem do que trabalhos escritos, pois é comum, por exemplo, que os alunos, mesmo esforçando-se demasiadamente, copiem errado da lousa. Neste caso específico, o professor, ao elogiar a dedicação do aluno disléxico, pode encorajá-los na realização de avaliações. A maneira em que os alunos disléxicos aprendem é diferente, geralmente, eles necessitam transportar o que estão aprendendo para a realidade concreta. Quanto ao programa de ensino, Barbosa (2014) elenca que o educador deverá empregar um plano de linguagem bastante elaborado e apresentar os conteúdos de forma diversificada e que trabalhe, ao mesmo tempo, os canais sensoriais como audição, visão, sensação, memória e tato etc. Isso é o que, normalmente, chama-se de ensino multissensorial. Portanto, as atividades devem ser estipuladas adequadamente para garantir algum nível de sucesso. Assim, o reconhecimento das dificuldades e a intervenção adequada permitirá que o aluno com dislexia equipare a classe, sem detrimento do desempenho escolar e prejuízo no seu desenvolvimento emocional.

O ensino da leitura junto da criança disléxica deve ser muito intenso. Isso refletem a necessidade que a criança disléxica tem de mais instrução, mais finamente calibrada e mais explícita. Não nos podemos esquecer que, em relação aos colegas de turma, esta criança está atrasada e tem de fazer mais progressos do que eles para atingir o mesmo nível. Tem de dar um salto, caso contrário continuará a estar atrasada em relação aos seus colegas. O ensino eficaz da leitura é sensível às necessidades únicas da criança, às suas ações e ao seu comportamento. O respectivo professor deve saber abrandar o ritmo de instrução, repetir, acelerar ou alterar o ritmo, encontrar uma explicação alternativa e parar. Isso significa que o professor da criança tem de interagir

com ela com a necessária frequência para ser capaz de detectar alterações e para adaptar o seu método de ensino a elas (FREIRE, 2011, p.38).

Para Oliveira (2021) as pessoas com dislexia não têm QI baixo, as pessoas com dislexia têm inteligência dentro da média e muitas vezes acima da média e mesmo na fase adulta os alunos com dislexia podem realizar as avaliações de forma diferenciada: em sala separada, com tempo adicional para responder e pode responder as avaliações de forma oral. Ao lidar com os alunos, os professores devem adotar alguns procedimentos tais como: buscar informações sobre o transtorno. Compreender que se trata de uma dificuldade específica e não má vontade ou preguiça. Oferecer condições diferenciadas nas avaliações. Utilizar metodologias de ensino que priorizem o exemplo, a prática e a vivência, entre outras.

Para Freire (2011) a criança disléxica pode aprender a ler, a escrever e a desenvolver as suas capacidades especiais e talentos através da oferta de uma educação apropriada às suas características e necessidades. Por conseguinte, a Associação Internacional de Dislexia confirma que os programas direcionados para as necessidades dos alunos com dislexia devem incluir o ensino direto de conceitos e capacidades linguísticas, o ensino multissensorial, o ensino sistemático e ambientes estruturados e consistentes.

Para (DUARTE, SOUZA, 2014) quando um professor recebe um aluno disléxico na sua sala de aula, deve acima de tudo ter a consciência de que ele é um aluno inteligente e capaz de aprender. Em primeiro lugar, o professor deve privilegiar métodos de ensino/aprendizagem multissensoriais, uma vez que os alunos com estas características aprendem mais facilmente por meio do uso simultâneo e integrado das diferentes modalidades sensoriais.

No entanto nesse período tem sido difícil para professores e a família dos alunos com dislexia, há desafios ainda maiores, porém agora é a hora do professor utilizar meios e estratégias para desenvolver esse ensino de forma online. Nesse sentido, a participação dos pais é fundamental nesse processo. A função dos pais nesse momento é de dar suporte para que seus filhos se sintam estimulados a continuar realizando suas atividades e mantendo o vínculo com a escola e com a aprendizagem (PALÚ, SHUTZ, MAYER, 2020).

Mesmo sabendo que o bom professor não está diretamente relacionado à sua didática apenas, mas a sua afetividade com o aluno, é necessário ressaltar a

importância da sua didática e da sua prática pedagógica, visto que ambos andam junto à afetividade. Sendo assim, o prazer do professor em estar em sala de aula conta muito para que esse processo ocorra de forma eficaz, além da relação que esse profissional deve estabelecer com o saber (ABREU, 2012).

Dessa forma De Paula (2020) elenca que é inquestionável a importância do trabalho colaborativo articulado entre os professores da sala de ensino regular e a família, assim como, o professor especializado e toda a equipe multidisciplinar. O trabalho colaborativo entre professores e família faz com que haja continuidade das atividades pedagógicas ao aluno com dislexia sem quaisquer tipos consideráveis de prejuízo à aprendizagem. Assim, as adaptações curriculares necessárias devem considerar a especificidade de cada aluno e suas subjetividades, levando em conta a vivência, ambiente e condições sociais, econômicas, emocionais e cognitivas.

De acordo com Pinto (2015) os devem sempre ter esperança que tudo vai dar certo apesar de ser um processo moroso e nem sempre fácil, a criança pode e vai aprender, por isso os pais devem procurar as mais diversas alternativas e estratégias de reeducação da leitura e da escrita. Será importante que não caiam na tendência de superproteção, transmitindo a informação ao invés de colocarem questões, dado que este tipo de atitude, em vez de ajudar, dará continuidade a uma fraca motivação e reduzidas expectativas da criança em relação a si própria. Para Barbosa (2014) a criança deverá ser incentivada a ser autônoma e ter espírito de iniciativa, tornando-se uma orientadora dos seus pais no processo de reeducação da dislexia. Sendo assim, para reeducar a criança com dislexia, é essencial, em primeiro lugar, ajudá-la a perceber quais são os seus pontos fortes ao nível do pensamento e raciocínio e, depois dessa identificação, encaminhá-la para aceder aos mesmos de forma a combater o que, não raras vezes, leva a dificuldades de aprendizagem.

De acordo com Abreu (2012) a aprendizagem pode ser:

- Aprendizagem Multissensorial: A leitura e a escrita são atividades multissensoriais. As crianças têm que olhar para as letras impressas, dizer, ou subvocalizar, os sons, fazer os movimentos necessários à escrita e usar os conhecimentos linguísticos para aceder ao sentido das palavras. São utilizadas em simultâneo as diferentes vias de acesso ao cérebro, os neurónios estabelecem interligações entre si facilitando a aprendizagem e a memorização.

- Estruturado e Cumulativo: A organização dos conteúdos a aprender segue a sequência do desenvolvimento linguístico e fonológico. Inicia-se com os elementos mais fáceis e básicos e progride gradualmente para os mais difíceis. Os conceitos ensinados devem ser revistos sistematicamente para manter e reforçar a sua memorização.
- Ensino Direto, Explícito: Os diferentes conceitos devem ser ensinados direta, explícita e conscientemente, nunca por dedução.
- Ensino Diagnóstico: Deve ser realizada uma avaliação diagnóstica das competências adquiridas e a adquirir.
- Ensino Sintético e Analítico: Devem ser realizados exercícios de ensino explícito da “Fusão Fonémica”, “Fusão Silábica”, “Segmentação Silábica” e “Segmentação Fonémica”.
- Automatização das Competências Aprendidas: As competências aprendidas devem ser treinadas até à sua automatização, isto é, até à sua realização, sem atenção consciente e com o mínimo de esforço e de tempo. A automatização irá disponibilizar a atenção para aceder à compreensão do texto.

Os exercícios a aplicar a uma criança disléxica são dirigidos ao desenvolvimento e aperfeiçoamento das suas capacidades que estarão diminuídos. Eles ajudam, portanto, a estimular e a desenvolver a maturidade e devem ser aplicados durante o tempo que for necessário para ultrapassar as dificuldades. São exercícios que convém aplicar em todas as crianças em idade pré-escolar, pois ajudam a estimular e desenvolver a maturidade; no caso das crianças disléxicas, devem continuar durante o tempo que for necessário para ultrapassar as deficiências. Concretizando alguns tipos de exercícios pode-se referenciar: imitação dos movimentos de outra pessoa; realização de movimentos em frente a um espelho; subir e descer escadas; saltar sobre um pé e outro pé, indicando-lhe a ordem; manejo de uma bola com os pés e as mãos; relaxamento de diversas partes do corpo; distinção de diferentes objetos, com os olhos tapados, através do tacto; andar a diferentes ritmos: devagar, depressa ou compassado através de um instrumento musical; realização de atividades normais da vida diária: vestir-se, despir-se, abotoar-se, desabotoar-se, calçar-se, comer utilizando os talheres, lavar-se, executando tarefas caseiras, etc.; classificar objetos pelo mesmo tamanho, a sua cor, a sua forma, a sua utilidade; cálculos com pequenas quantidades; observação de números pequenos; observação de frases com a representação do que indicam; pequenas atividades lúdicas, com jogos em que a criança tenha que relacionar as palavras com os objetos em causa, pois facilita o seu reconhecimento em sinais impressos e aumentará o interesse para conhecer mais relações entre significantes e significados – em definitivo pela leitura; exercícios para conhecimento do próprio corpo (onde tem as mãos?); educação física geral, adequada às possibilidades de cada criança, e aumentando gradualmente as suas dificuldades; diálogo breve, livre e espontâneo; expressão plástica livre de

todos os tipos com uso frequente de pincéis, lápis, borracha, etc. (FREIRE, 2011, p.41).

De acordo com Palú, Shutz e Mayer (2020) é conveniente que estes exercícios se fundamentem no jogo, na música, no ritmo e nos movimentos básicos para a vida. Estes exercícios desenvolvem sempre um ambiente de confiança e compreensão para a criança, de forma que adquira, paulatinamente, segurança em si mesma. Diante do período pandêmico essas estratégias não podem ser deixadas de lado, uma vez que o aluno deve ser tratado como se estivesse no ambiente escolar, seguindo todos os parâmetros. Para De Paula (2020) é assim que se deve elaborar maneiras didáticas que chamem a atenção do aluno com dislexia, adaptar o currículo com atividades para a incluí-lo, manter vínculos afetivos e desenvolver metodologias e atividades mais flexíveis e significativas. Assim, espera-se superar esses desafios ocasionados pelas aulas remotas e minimizar os impactos da quarentena na pandemia, no que diz respeito à educação inclusiva para os educandos com transtorno de aprendizagem específica, como a dislexia.

De acordo com Abreu (2012) o docente deverá privilegiar métodos de ensino/aprendizagem multissensoriais, dado que os alunos com estas características aprendem melhor através do uso simultâneo e integrado das diferentes modalidades sensoriais. Em segundo lugar, o professor deve promover uma visão positiva de leitura já que este domínio é o mais frustrante para a maior parte dos alunos com dislexia. Em terceiro lugar, o professor deve tentar minimizar o efeito “rotulador” do diagnóstico da dislexia, que poderá afetar a autoestima da criança e diminuir tanto as expectativas que esta tem em relação a si própria, como as que o professor tem a respeito dela. Em quarto lugar, deverá haver uma promoção de padrões corretos de leitura (aluno/professor), a fim de servirem como modelos à criança com dislexia, no sentido de compensar e eliminar os padrões de leitura típicos deste distúrbio.

Por fim deve haver um reforço por parte dos professores, das competências de leitura fundamentais, já que esta é a base do problema da criança disléxica. Embora a constituição preserve o direito a todos de receber educação, inclusive os portadores de necessidades especiais, não contém uma lei específica que inclua os indivíduos que apresentam transtornos de aprendizagem. A constituição é muito ampla quando referida a igualdade que contribui na permanência da criança em sala de aula. Por

isso, alguns pais encontram dificuldades ao solicitar à escola as mudanças necessárias para receber ou manter seus filhos (DUARTE, SOUZA, 2014).

Para De Paula (2020) em tempo de Pandemia é preciso levar em conta algumas questões para as práticas de intervenções pedagógicas adaptadas a esse contexto, como por exemplo: preparação do ambiente de estudo, planejamento da aula, o pensar no aluno durante a pós a aula, comunicação com os alunos, com especialistas e famílias. Durante a aula o professor deve falar pausadamente de forma clara, objetiva e expressiva (gestos, expressões faciais, entonação de voz, entre outras), sempre preocupando-se em perceber se as orientações e atividades foram compreendidas, uma sugestão é pedir para que alguns alunos falem o que entenderam com suas palavras, mas tendo cuidado para não expor estudantes com dislexia. Para Barbosa (2014) a elaboração atividades flexíveis, participativas, dinâmicas e variadas que abrange as particularidades de todos os alunos, são indispensáveis para a não sobrecarga e facilitação da aprendizagem, como por exemplo: o uso de recursos visuais e interativos, como ilustrações, vídeos e infográficos, enquetes, quizzes e games.

Desenvolver as competências relacionadas com a leitura é fundamental, nomeadamente na fase pré-escolar. Neste sentido, será de grande importância o trabalho ao nível da sílaba, seja ele de síntese ou de análise. O educador poderá realizar um trabalho de identificação de sílabas segundo a sua posição ou natureza. Deverá, também, compará-las ou proceder à sua combinação fonológica. A título exemplificativo, será estimulante para a criança realizar exercícios de omissão ou adição de sílabas em posição inicial, central ou final, assim como de inversão de sílabas dentro de uma palavra. Adivinhar novas palavras e combinar sílabas é uma atividade lúdica, apreciada pelas crianças e com um papel crucial no desenvolvimento de competências de leitura e de escrita. Quantos alunos do ensino básico e secundário não cometeriam tantos erros de natureza ortográfica se, ao longo do pré-escolar e em casa, tivessem desenvolvido a consciência silábica? (PINTO, 2015, p.76).

Neste contexto o uso das tecnologias é de suma importância para promover transportar esse ensino aos alunos. Cani et al. (2020) elenca que o uso das TDIC na educação tem sido pauta de muitas discussões de inúmeros profissionais da área, inclusive com a alegação de que esses recursos não garantem um trabalho docente eficiente. No entanto, hoje, com a real situação de pandemia pela Covid-19, a escolha de utilizar ou não as tecnologias digitais nas salas de aula passaram a não ser mais opcional.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O dislético continuará com o transtorno independente do tratamento que receberá na escola ou tratamento médico. Não se deve pensar que o professor solucionará o transtorno ou que ele sozinho é responsável por lidar com o indivíduo dislético, mas é preciso entender que o professor, sendo mediador do conhecimento, tem como função encontrar uma forma de fazer com que o aluno dislético desenvolva a sua capacidade.

Conclui-se então que falta muita informação sobre a dislexia nos espaços educacionais. A formação do professor não o capacita para lidar com esse tipo de desafio, ou seja, quando um professor possui um aluno que apresenta sinais específicos da dislexia, é possível que ele não faça a associação entre a dificuldade apresentada pelo aluno e o transtorno. As escolas também não investem em cursos de capacitação para que o professor e os demais funcionários possam atualizar e/ou ampliar seus conhecimentos.

Portanto nesse momento pandêmico é importante que o professor trabalhe juntamente em conjunto com a família, uma vez que diante de tal cenário essa parceria é fundamental para fazer com que o aluno tenha progresso. O professor deve montar estratégias para fazer com que os alunos continuem evoluindo, e assim deve dar instruções para os pais ou responsáveis da criança. É notório que o trabalho não é fácil, porém possível. Diante disso, espera-se que mais estudos sejam elaborados, para que possamos nos integrar e aprender mais sobre a temática.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ângela; FERREIRA, E; FERREIRA, J. **Dislexia e Educação: Deveres e dilemas**. 36 f. Faculdade de Educação São Luís, Maranhão. Disponível em: http://www.gestaouniversitaria.com.br/system/scientific_articles/files/000/000/051/original/Dislexia_e_Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf?1411606364>. Acesso em: 10 maio 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: www.dislexia.org.br. Acesso em: 10 maio 2021.

ABREU, Sónia Isabel Alves de. **Dislexia – Aprender a Aprender**. Lisboa: Escola Superior de Educação Almeida Garrett. 2012.

BARBOSA, Claudia Freitas Franco. **Dislexia: dificuldades de aprendizagem na escola**. Medianeira, 2014.

BRASIL, CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL (1988), Diário Oficial da União, 5 out. 1988. Seção I, DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/DOUconstituicao88.pdf>. Acesso em: 11 de maio de 2021.

BRASIL, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/513623/001042393.pdf>>. Acesso em: 11 de maio de 2021.

BALASCO, Angélica Gonçalves Silva. FONSECA, Cassiane Dezoti da. **Coronavírus 2020**. [S.l.]: Revista brasileira de Enfermagem. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v73n2/pt_0034-7167-reben-73-02-e2020n2.pdf>. Acesso em: 13 de maio 2021.

COSTIN, Claudia. **A escola na pandemia: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus**. Porto Alegre: Ed. do Autor. 2020. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/institutoinovacao/wp-content/uploads/2020/09/ebook-a-escola-na-pandemia-com.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2021.

CANI, Josiane Brunetti. Et al. **EDUCAÇÃO E COVID-19: A ARTE DE REINVENTAR A ESCOLA MEDIANDO A APRENDIZAGEM “prioritariamente” PELAS TDIC**. [S.l.]: Revista Ifes Ciência. Vol. 6. 2020.

DE PAULA, Damaris Cristina Nunes Ferreira. Et al. **Reflexões sobre a dislexia e as práticas de intervenções pedagógicas**. [S.l.s.n.]: 2020.

Declaração de Salamanca (1994). Disponível em: <http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf>. Acesso em: 13 maio 2021.

DUARTE, Anne; SOUZA, Calixto. **Intervenções pedagógicas em alunos com dislexia**. Universidade Federal de São Carlos. 2014

FREIRE, João Paulo Leite Martins. Estratégias, actividades e recursos em Educação Especial para alunos disléxicos do 1º, 2º, 3º ciclos do Ensino Básico e Secundário nas disciplinas de Língua Portuguesa e Português. Lisboa: Escola Superior de Educação Almeida Garrett. 2011.

LIMA, Luísa Barbosa. **Dislexia e ensino-aprendizagem de língua portuguesa**: um estudo de caso. 41 f. Universidade de Brasília, 2013.

MARTINS, Vivian. ALMEIDA, Joelma. **Educação em Tempos de Pandemia no Brasil**: saberes-fazer escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. [S.l.]: Revista Docência e Cibercultura. 2020.

OLIVEIRA, Samantha (org.). **Perguntas e respostas sobre dislexia e TDAH**. Ribeirão Preto, SP: Ebook- Amor de mãe. 1ª ed. 2021. Disponível em: <<https://www.sieeesp.org.br/sieeesp2/uploads/Eventos/Ebook%20-%20Amor%20de%20Ma%CC%83e.pdf>>. Acesso em: 10 de maio 2021

PINTO, Cláudia Patrícia Marques. **Dislexia**- A união faz a força. [S.l.]: Instituto Superior de Educação e Ciências. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/21505/1/TESE_FINAL_12%20de%20outubro.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.

PALÚ, Janete; SCHUTZ, Jenerton Arlan, MAYER, Leandro. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Editora: Ilustração. Cruz Alta, 2020.

PEREIRA, Rosângela de Almeida. **Dislexia**: conhecimentos e práticas escolares, mobilização da inclusão dos estudantes disléxicos. Matinhos, 2015.

PINHEIRO, Ângela Maria Vieira. CABRAL, Leonor Scliar. **Dislexia**: causas e consequências. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2017. Disponível em: <http://dislexiabrasil.com.br/docs/Baixar_o_e-book.pdf>. Acesso em: 10 de maio 2021.

SENHORAS, E. M. "A pandemia do novo coronavírus no contexto da cultura pop zumbi". Boletim de Conjuntura (BOCA), vol. 1, n. 3, 2020.

SIGNOR, Rita. **Dislexia**: uma análise histórica e social. Belo Horizonte: RBLA. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbla/v15n4/1984-6398-rbla-15-04-00971.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2021.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual dos transtornos escolares**: entendendo os problemas de crianças. 11 ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2019.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. “**COVID-19 Interrupção educacional e resposta**”. UNESCO Website [06/05/2020].

VERAS, Fernanda de Carvalho. A dislexia e a linguagem com foco na leitura e produção textual. 49 f. Universidade de Brasília, 2012.

XAVIER, Analucia R. **COVID-19**: manifestações clínicas e laboratoriais na infecção pelo novo coronavírus. J Bras Patol Med Lab. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jbpml/v56/pt_1676-2444-jbpml-56-e3232020.pdf>. Acesso em: 10 de maio 2021.